

# SAGARANA

## Igrejas brigam em Rondônia por terra indígena

CA XIRAO' MI COCON CO TO NAVAIN  
TEXARONICA PAORO

CA XIRAO' CAIN' CON XIMOXIO PAORO

As duas cartas de Paulo aos Tessalonicenses  
e a primeira carta de Paulo a Timóteo.

Traduzidas em Pakaas Novos  
pela

Missão Novas Tribos do Brasil

1980

MISSÃO NOVAS TRIBOS DO BRASIL  
CAIXA POSTAL 251  
BR-090 MANAUS, AMAZONAS

Lilian Newlands

**G**UAJARÁ MIRIM, RONDÔNIA - Depois de pelo menos 30 anos de silêncio e sigilo, o bloqueio erguido em torno de uma das mais difíceis áreas de penetração amazônica foi furado e desvendado pelo antropólogo Mauro de Mello Leonel Jr., um relatório de 10 páginas encaminhado à FIPE (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas) e, inexplicavelmente, jamais divulgado oficialmente. Sob o título Relatório de Avaliação da Área Indígena de Sagarana, Mauro Leonel produziu minucioso levantamento histórico sobre a Comunidade Sagarana, área de 30 mil hectares doada para usufruto dos índios Pakaas-Novos - de acordo com o direito natural e a Constituição - e, hoje, reduzida a 3.700 hectares reivindicados pela Diocese de Guajará Mirim (anteriormente, Prelazia), cuja atuação vem sendo sustentada por católicos europeus, sobretudo franceses, membros de uma organização "terceiro-mundista" responsável pela edição da revista Lettres d'Amazonie, que circula em Paris.

O relatório de Mauro Leonel, no entanto, redigido em 1984, traz à tona fatos que remontam há muitas décadas. Entre eles - segundo a definição do autor - o de que "Sagarana é fruto de uma guerra religiosa extemporânea, travada entre missionários protestantes fundamentalistas da New Tribes e católicos ligados à Ordem dos Franciscanos". E prossegue, relembrando que "esta querela medieval dá-se em plena década de 60, quando o ecumenismo aproximou as duas obediências religiosas. No caso, estes índios foram e são apenas objeto de uma disputa exterior à sua cultura e seus interesses".

Na sua avaliação sobre Sagarana, Leonel destaca que a maioria das terras indígenas da região de Guajará Mirim foi demarcada entre 1975 e 1977: "Sobre uma delas", afirma, "nada se fez. Sagarana tornou-se um verdadeiro tabu" (...) "Nada justifica este muro de silêncio" (...) "Não se compreende como não foi demarcada juntamente com o P. I. (Posto Indígena) Guaporé, uma vez que lá habitam 130 índios e trata-se de uma área de tradicional ocupação e perambulação Macurap" (Pakaas-Novos).

Se, por um lado, Mauro Leonel conseguiu quebrar "o tabu" que sempre envolveu Sagarana, o mesmo não pode ser atribuído ao "muro de silêncio" que continua solidamente erguido. O fato de a Amazônia abrigar um campo de contradições e guerras entre missionários diversos torna o relatório duplamente importante, já que o autor divulga revelações sobre a complexa problemática que há décadas vêm causando os mais graves desequilíbrios tribais provocados pela atuação religiosa. O trabalho de Leonel é, sem dúvida, pioneiro. Seu relatório sobre Sagarana, de inegável valor histórico, constituiu-se, na verdade, a ponta mais significativa de um iceberg que, inevitavelmente, acabará por vir à tona, independente do ritmo que o Presidente Sarney estabeleça para tocar a já desgastada questão da reforma agrária, que, mais cedo ou mais tarde, explodirá por si. E a história de Sagarana mostra que esta não é uma previsão tão absurda. Ano passado, a pretexto de conhecer a área dirigida pelos católicos da Diocese, três pesquisadores conseguiram permanecer algumas horas na "colônia". Vigilados discretamente por missionários franceses, assim mesmo puderam contactar os índios que ali viviam:

- Eles já não aceitam mais a coerção dos missionários, em-

No momento em que a questão da reforma agrária torna-se ponto central entre centenas de outras medidas cobradas por todo o país, um dos mais elucidativos relatórios sobre a ação de missionários em áreas indígenas quebra um sigilo de quase 40 anos e torna pública a guerra religiosa travada entre protestantes fundamentalistas da New Tribes e católicos ligados à Ordem dos Franciscanos. O campo de batalha chama-se Sagarana, a seis horas de Guajará-Mirim, fronteira com Bolívia, pelas águas do Mamoré.

A história de Sagarana é relatada pelo antropólogo Mauro de Mello Leonel Jr. e foi encaminhada à FIPE (Faculdade Instituto de Estudos Econômicos) que, por motivos desconhecidos, jamais o divulgou. Entre dezenas de tópicos, o antropólogo enfatiza que "curiosa é a posição da Operação Anchieta e do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), sempre alertas a denunciar, e na maioria dos casos com razão, as omissões da Funai. Ao mesmo tempo, o Cimi fica intimidado e calado diante da ação de sua mesma Igreja em Sagarana". Em Guajará-Mirim, o substituto do segundo Bispo da cidade - Dom Luiz Gomes

de Arruda - espanhol Padre Roça, aparentemente desconhece maiores detalhes de Sagarana, onde esteve de passagem.

Confessa "conhecer muito pouco o que se faz em Sagarana". "Cuido mais do Seminário e sou Vigário-Geral da Diocese", disse ele. Numa rápida entrevista, Padre Roça tece alguns comentários sobre Sagarana. Coincidência ou não, ele confirma em breves palavras o conteúdo do relatório de dez páginas do antropólogo Mauro de Mello Leonel Jr. ele confirma em breves palavras o conteúdo do relatório de dez páginas do antropólogo Mauro de Mello Leonel Jr.

bora não tenham ainda se rebelado de forma mais explícita. Sagarana vai cair sozinha e, em pouco tempo, os índios tomam posse do que é deles. Eles sabem que a terra lhes pertence, concluiu um dos pesquisadores.

Não se conhece a forma que Mauro Leonel encontrou para permanecer em Sagarana o tempo suficiente para elaborar seu relatório, mas o resultado de seu estudo in loco permitiu que se conhecesse uma história até então inacessível e que pode ser assim resumida:

"A partir de 1955, a atração dos Oro-Uari (com os Ororam, Ororamtxien, Oroboni e Macurap formam o grupo conhecido como Pakaas-Novos) pelo extinto Serviço de Proteção ao Índio (SPI) passou a ser acompanhada pela seita protestante norte-americana New Tribes (Novas Tribos). A Prelazia Católica de Guajará-Mirim, financiada e gerida por franciscanos franceses, considerava-se excluída e mantinha-se crítica à ação conjunta SPI/New Tribes (...)"

"Após os primeiros contatos com os Oro-Uari (Pakaas-Novos), em 1955, a New Tribes passou a monopolizar a conversão dos índios, através da presença de seus missionários e "lingüistas" nos postos Pakaas-Novos, Rio Negro-Ocaia e Lage. Estes índios, cerca de 5 mil, na década de 60 estavam reduzidos a 600, segundo informações de Frei Roberto Lufs Gomes de Arruda ao jornal Folha de São Paulo (18/7/1963). Vítimas de massacres organizados por seringueiros, continuavam a morrer contaminados por doenças que desconheciam (...)" "O contato realizou-se porque seringueiros e o próprio Governo interessavam-se pelas terras de ocupação imemorial destes índios. A partir de 1945, o Governo começa a assentar colonos sem terra do Sul e do Nordeste na Amazônia, pretendendo

aliviar os conflitos advindos da alta concentração da propriedade fundiária".

(...) "A Prelazia de Guajará-Mirim passou a denunciar a inoperância do SPI e a ação da New Tribes" (...) "Frei Roberto Lufs Gomes de Arruda, em 1963, foi a Brasília solicitar ao Ministério da Agricultura, que então respondia pelo SPI autorização para intervenção da Prelazia, em apoio aos índios. O titular do Posto, Osvaldo Lima Júnior, concedeu autorização para que a Igreja passasse a dar assistência médica e organizasse grandes lavouras e criação de gado para a assistência aos índios".

Segundo o relatório de Leonel Jr., a partir daí os católicos puderam ter acesso aos postos, principalmente no hoje chamado P. I. Ribeirão, e a Prelazia passou a dar assistência médica aos índios. De 1965 em diante, valendo-se da autorização ministerial, foi iniciado um trabalho de estímulo aos índios para que se transferissem para o P. I. Ricardo Franco. É ali, que hoje, Sagarana reina, mas que na época foi batizado de "Núcleo de Recuperação do Elemento Humano". Inicialmente, a volta às reduções jesuíticas do passado, classificada pelo antropólogo Bernard Von Graeve, de Universidade de Toronto, como uma ação movida pelo racismo: "Em Sagarana", observou, "os Uari são relegados a um nível de inferioridade, baseado na tradicional noção estereotipada de raça inferior".

Em 1969 o último grupo dos Oroboni foram transferidos para a colônia, e 15 deles morreram entre abril e maio de 1970, em Sagarana. As relações de trabalho no "núcleo de recuperação" já eram hostis. Um boliviano de 18 anos - cuja família habitava nas proximidades - foi feito capataz e administrador dos índios, com o apoio da Prelazia. Cumpriu tão bem seu papel de carrasco que, os mesmos

índios que no início eram alimentados e assistidos pela Prelazia, só pensavam em fugir, apavorados.

Traçado este quadro desumano e absurdo, o autor prossegue em seu relatório:

"A Prelazia resolveu terminar com a colônia. Desde 1968, como não conseguia regularizar a posse destas terras, dividiu-se sempre entre titular parte da terra como sua propriedade, e titular o restante para os índios, como se fossem posseiros, ou então convidá-los a se integrarem às áreas indígenas demarcadas na região" (...) "Não conseguindo a adesão das autoridades, nem dos índios para tais soluções, a Prelazia entregou o "núcleo de recuperação" à operação Anchieta (OPAN), um grupo de missionários católicos. Estes, conforme a orientação que defendem, tentaram reavivar as tradições tribais, terminando por serem expulsos pela Prelazia".

"Nesta época, início dos anos 70, deu-se a mudança de orientação. O núcleo de recuperação tornou-se Colônia Sagarana" (...) "Os custos mensais com Sagarana chegariam a 4 milhões de cruzeiros mensais (2 mil dólares) o que é superior à miserável dotação orçamentária do Governo aos postos da Funai".

"Não pretendo tornar Sagarana terra indígena (...) a Prelazia viu a colônia reduzida, de seus 30 mil hectares iniciais, para 10 mil. Dois terços foram requisitados pelo INCRA em proveito de projetos de colonização. Na verdade a perda não foi da Prelazia, mas sim das comunidades indígenas que ocupavam estas terras imemorialmente, e dos trazidos pela Prelazia que, através do usufruário tornaram-se ocupantes da área."

"Entre a Prelazia e o Estado há um contencioso que remon-

ta a décadas. O pano de fundo é a querela religiosa e o privilégio de que goza a New Tribes, com acesso permanente e residência nas áreas sob controle da Funai. A crítica da Prelazia é justa. A New Tribes realiza um trabalho de desmoralização sistemática da cultura Oro-Uari (...)"

"Em Sagarana há 250 cabeças de gado destinadas aos índios, mas na verdade nas mãos da Diocese, que contratou dois vaqueiros não-índios para cuidá-los. Todas as instalações doadas aos índios são consideradas como pertencentes à Diocese. Os índios são sub-remunerados para trabalhos "na fazenda", recebendo menos que o salário mínimo regional."

"Como no caso da New Tribes, também em Sagarana suas (dos índios) tradições são combatidas. As festas e a chicha são proibidas. Os discordantes são expulsos. O trabalho de conversão está presente, embora obviamente mais discreto que os dos fanáticos da New Tribes. (...) "Santos, que administrou Sagarana pela OPAN, chamou Sagarana de "feudo católico". Von Graeve, que lá viveu durante 8 meses de sua pesquisa, considera Sagarana baseada no racismo. Acusa a Diocese de explorar a presença indígena para obter apoio financeiro europeu. Explica Sagarana como um esforço de recuperação da influência da Igreja, que perdeu muito de sua expressão do início da colonização na região, em particular entre os índios, dominados hoje em grande parte pela New Tribes."

"Curiosa é a posição da Operação Anchieta (OPAN) e do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), sempre alertas a denunciar, e na maioria dos casos com razão, as omissões da Funai, e, ao mesmo tempo, intimidados e dalados diante da ação de sua mesma Igreja em Sagarana."



## Diocese trabalha pelo título definitivo

**C**ÚRIA Diocesana de Guajará-Mirim. Instalada na Avenida Costa Marques 561, o casarão tem sua história escrita na altura do pé direito, no pátio interno, florido, no confortável escritório do segundo Bispo de Guajará-Mirim, Dom Luiz Gomes de Arruda, que abdicou de sua condição de Bispo para viver em Sagarana. Em seu lugar - e substituindo, ainda, os agentes pastorais e o Bispo Geraldo Verdior - o Padre Roca. Espanhol da Catalunha, boa aparência, morando na Diocese desde setembro de 1984, ele conversa sobre reforma agrária e, sem que ninguém pergunte, explica que sua função é de substituto do Dom Arruda "porque ele foi para Sagarana".

- O que é exatamente Sagarana?

- Eu não conheço o bastante para falar muito sobre ela. Mas são terras que foram cedidas à Diocese e para onde foram índios doentes recolhidos. Transformou-se em aldeia indi-

gena, pois os índios se curaram e procriaram. No início, eles se sentiam deslocados no Instituto Colônia Surpresa, boca do Guaporé.

- Qual a atuação da Diocese em Sagarana?

- Entre outras, a alfabetização, através da cartilha feita por Dom Luiz Gomes de Arruda. A Diocese atende à Colônia de Sagarana. Em Surpresa tinha igreja, e um casal de voluntários - ele francês, ela brasileira - que trabalhou lá 10 anos. Foram substituídos por um médico. Surpresa tem uma comunidade de irmãs (Irmãs Imaculada Conceição). Uma delas é enfermeira, e a outra é professora. As duas trabalham na aldeia de Sagarana.

- Qual a situação da terra onde está Sagarana?

- A Diocese trabalha, há anos, para conseguir o título definitivo a fim de transferi-lo para os índios. Elaborou, inclusive, um documento.

- Como vivem esses índios?

- Como vivem esses índios?

- Em Surpresa criou-se uma colônia agrícola, a São Judas Tadeu. Mas não foi pra frente. Então colocaram ali índios doentes.

- O que fazem os índios?

- Eles têm roça familiar e comunitária, criação de gado, arroz, mandioca e produtos da terra.

- Além da Diocese, quem mais atua em Sagarana?

- O CIMI (Conselho Indigenista Missionário), vinculado à CNBB (Confederação Nacional de Bispos do Brasil). O pessoal de Sagarana tem ligações com o CIMI. Além disso há um médico francês que trabalha e atende índios que chegam à cidade, (vindos de Ribeirão e Lage, outros dois PIs).

- Por que a origem francesa?

- Devido à origem da Prelazia, que é francesa. Os salesianos passaram por Guajará-Mirim e, há pouco mais de 50 anos, foi criada a Prelazia de Guajará-Mirim, e foi tirado um

pedaço da Prelazia... O rio Mamoré é a única via de acesso a Sagarana.

- Como os índios reagiram com a evangelização dos salesianos?

- Em Sagarana, os índios perderam suas tradições. A presença da Diocese em Sagarana assegura a sobrevivência física, a saúde e a terra. Atualmente estão lá um casal de franceses, um brasileiro, e os administradores já são quase os próprios índios. Eles trazem bananas, gado e outros produtos para vender. E compram os gêneros.

- Em que outras áreas a Diocese atua?

- Colorado e Cerejeiro (Sul de Rondônia). Recentemente foi desapropriada uma fazenda beneficiando 400 colonos (em março). A desapropriação partiu de uma denúncia da Diocese de que se fazia trabalho escravo lá, eles eram levados de avião e descarregados lá.

- Quantos índios existem hoje em Sagarana?

- Entre 120 e 140 índios.

